

Guitarras sofisticadas numa conversa sem palavras

Uma conversa pode prescindir de palavras. Pode? Pode sim! Principalmente se este papo envolver dois talentosos instrumentistas como Nelson Faria e Sandro Haick, dois dos mais respeitados guitarristas brasileiros da atualidade. Reunidos em Bari (Itália), eles gravaram tanta coisa juntos que ficou até difícil descartar material. O resultado chama-se “Talking Standards” (Bobo Records), álbum duplo. O primeiro volume traz recriações de temas estrangeiros; o segundo, releituras de composições brasileiras.

Produzido pelo também guitarrista Antonello Boezio, o disco reúne 14 faixas, sete por volume. O primeiro reúne temas imortalizados por lendas do jazz e da composição para o cinema — Thelonious Monk em “Round Midnight”, Sonny Rollins em “Tenor Madness” e “Blue in Green”, assinada por Miles Davis e Bill Evans. O volume brasileiro honra Milton Nascimento (“Tarde”, com Marcio Borges) e três mestres com dois temas cada: Tom Jobim (“Desafinado” e “Insensatez”), Dominginhos (“Princesinha no Choro” e “De volta pro Aconchego”, esta com Nando Cordel) e João Bosco (“Incompatibilidade de gênios”, com Aldir Blanc, e “Papel Machê”, com Capinam). A sensibilidade do encontro dessas guitarras é de encantar os ouvidos mais exigentes.

A admiração entre os dois é antiga, mas eles só haviam tocado juntos uma vez, em 2019, quando Haick compareceu a “Um café lá em casa”, série que Nelson apresenta na web — e como baixista. Foi preciso uma guitarra para reaproximá-los. Em 2025, a Tagima lançou a Nelson



Nelson Faria e Sandro Haick exibem tanta sintonia no trabalho em dupla que os próprios músicos revelam dificuldade em identificar seus fraseados nas faixas dos dois volumes

Nelson Faria e Sandro Haick



Nelson Faria e Sandro Haick lançam álbum duplo que recria Miles, Monk, Jobim e Dominginhos



Faria Signature Jazzy 1, apresentada no Tagima Dream Team com show de Faria. Na banda, de novo, Haick. No mesmo ano, a fabricante batizou a Tagima Haick-1. Com o elo em comum, veio a ideia de fazerem algo com os instrumentos que os celebraram. Por que não um álbum?

Mas por que na Itália? Haick e Faria são também professores, e suas aulas remotas atraem músicos do mundo inteiro. Em 2016, um guitarrista italiano chamado Antonello Boezio inscreveu-se no curso de Haick. Mestre e aluno viraram amigos, e Antonello produz o projeto e ofereceu o MAST, seu estúdio-escola referência em Bari, na Puglia, para onde os brasileiros rumaram.

Da lista original de 40 temas, a seleção final de 14 foi fechada no aeroporto de São Paulo. Gravados em dois dias e meio, os arranjos foram definidos no estúdio, e a grande maioria das faixas saiu num único take. “O disco foi todo gravado num clima muito descontraído, improvisado, numa dinâmica como o jazz pede. Tudo aconteceu de forma muito espontânea. Acho que este trabalho é o que toco mais à vontade em relação aos meus discos todos”, pontua Nelson. Da alegria pelo encontro, ele não esquivava: “A fluência e a informação que o Sandro tem criam um ambiente em que você pode dar o seu melhor”.

E a convivência em estúdio confirmou algo que ambos já suspeitavam — ouviram os mesmos discos na juventude e foram influenciados pelas mesmas escolas musicais. “Ao ouvirmos as faixas, chegamos a nos perguntar: essa levada foi minha ou sua? E isso só demonstra que estávamos a serviço daquela iniciativa”, explica. “O resultado dessa união foi forte e ela acontece em prol da música”, arremata.

CRÍTICA DISCO | TORÓ

AQUILES RIQUE REIS* - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Hoje trataremos de “Toró” (selo Risco), álbum e filme de Vitor Araújo e da Metropole Orkest, trabalho que consagra Araújo e integra a música instrumental brasileira ao circuito mundial. O audiovisual, gravado ao vivo em Amsterdã, marca a sua estreia como solista de uma grande orquestra sinfônica internacional.

Pernambucano do Recife, Araújo eleva e revela a potência da criação nordestina, feita de manguê e caranguejo, folguedos e tradições milenares, ritmos múltiplos e plenos de brasilidade. É a cultura nordestina libertária, mais uma vez, rompendo fronteiras.

Como solista e compositor, Araújo passa a também integrar o pequeno grupo de artistas brasileiros que já colaboraram com a Metropole Orkest, Edu Lobo e Ivan Lins. Novamente, Nordeste e Eu-

A música não morrerá nunca!

ropa se juntam para criar a sempre buscada “música universal”. O mundo aplaude!

Os músicos que integram a banda de Vitor Araújo, valendo-se de elementos eletrônicos e experimentações, agregam vigor à música europeia, trazendo à tona um delírio tão popular quanto o charme da junção, superando as expectativas do ouvinte.

Divididos em “toques”, convidando-os a ouvir alguns, seguindo os comentários que transcrevi do encarte — eles ilustrarão a audição do álbum quer pode ser ouvido na íntegra em <https://11nq.com/jri7n5p>.

Toque nº1 - “A abertura do concerto se dá através de uma das



‘macumbas orquestrais’ do repertório, peça maximalista com forte inspiração nos trabalhos instrumentais de Villa-Lobos, Moacir Santos e Antônio Carlos Jobim, onde melodias e harmonias com característica de cantiga brasileira vão se avolumando numa espiral crescente entre

orquestra, piano e percussões”.

Toque nº2 - “Talvez a mais experimental das músicas de ‘Toró’, onde um rádio de pilha sintonizado ao vivo é o instrumento solista à frente da orquestra sinfônica. A faixa, construída com técnica minimalista, traz uma homenagem às peças para rádio do vanguardista John Cage e também uma memória da já clássica performance ao vivo do Radiohead tocando ‘National Anthem’.”

Toque nº3 - “Faixa inspirada nas agremiações de afoxé que saem às ruas no carnaval de Recife e Olinda. Um confronto entre os frenéticos elementos cíclicos e percussivos em 140bpm e a melancolia espacial da voz e das

cordas da orquestra, com ambos elementos pairando etéreos sobre a acelerada sessão rítmica”.

Juntos, Vitor Araújo e Metropole Orkest constroem e articulam a pulsação rítmica nordestina que, somada à erudição europeia, realça a soma das potências.

Enfim, quando os humanos acabarem de destruir a Terra, restará a música que nos redimirá.

Ficha técnica

Regência Metropole Orkest: Jacomo Bairos — quatro primeiros violinos, quatro segundos violinos, três violas, dois cellos e um contrabaixo. Banda de Vitor Araújo — Mauro Refosco: percussão; Aduni: ogã; Amendoim: percussão; Charles Tixier: bateria, synth, MPC e samples; Felipe Pacheco Ventura: guitarra.

*Vocalista do MPB4 e escritor